



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

**A ALEGORIA DA CAVERNA PLATÔNICA E A PEDAGOGIA
FREIREANA: POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

JOSENILDA GOMES DE LIMA

**CAMPINA GRANDE/PB
2011**

JOSENILDA GOMES DE LIMA

**A ALEGORIA DA CAVERNA PLATÔNICA E A PEDAGOGIA
FREIREANA: POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico – apresentado ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientador: Francisco Diniz de Andrade Meira, Ms.

**CAMPINA GRANDE/PB
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L732a

Lima, Josenilda Gomes de.

A alegoria da caverna platônica e pedagogia freire ana
[manuscrito]: por uma educação libertadora /Josenilda
Gomes de Lima. – 2011.

18 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Educação, 2011.

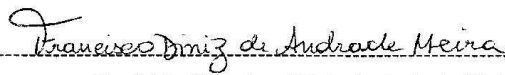
“Orientação: Prof. Me. Francisco Diniz de
Andrade Meira, Departamento de Filosofia”.

1. Pensamento Filosófico 2. Alegoria da caverna
3. Platão I. Título.

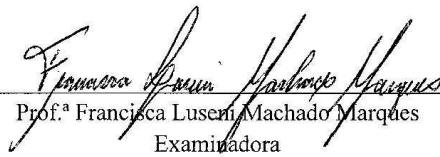
21. ed. CDD 153.42

**A ALEGORIA DA CAVERNA PLATÔNICA E A PEDAGOGIA
FREIREANA: POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

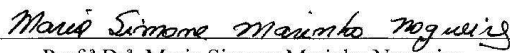
Artigo defendido perante a Banca Examinadora
constituída pelos seguintes professores:



Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira
Orientador



Prof.^a Francisca Lusena Machado Marques
Examinadora



Prof.^a Dr.^a Maria Simone Marinho Nogueira
Examinadora

A ALEGORIA DA CAVERNA PLATÔNICA E A PEDAGOGIA FREIREANA: POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Josenilda Gomes de Lima¹
Francisco Diniz de A. Meira²

RESUMO

O referido trabalho intitulado *A Alegoria da Caverna platônica e a pedagogia freireana: por uma educação libertadora*, relaciona a educação enquanto processo de formação do homem, tomando como referencial teórico o pensamento filosófico de Platão e a pedagogia de Paulo Freire. Para isso, tomamos como base a Alegoria da Caverna apresentado por Platão no livro VII de sua obra *A República* que trata da exemplificação de como o ser humano pode se libertar da condição de escuridão (ignorância), rumo à luz do Sol (conhecimento). Este exemplo dado por Sócrates é utilizado para educação ou para uma crítica da falta da mesma. Partindo então do questionamento acerca de onde se encontra o processo de educação na existência humana, Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da autonomia* mostra que ela se encontra na própria experiência vivenciada por estes no seu cotidiano. Estes dois pensadores se aproximam em muitos aspectos em torno da questão da educação, principalmente no que diz respeito a uma educação libertadora.

PALAVRAS-CHAVES: Alegoria da Caverna. Platão. Educação. Paulo Freire.

ABSTRACT

This work entitled *The Platonic cave's allegory and Freirean pedagogy: for a liberating education* relates education as a man formation process, taking as theoretical referential the philosophical thinking of Plato and the pedagogy of Paulo Freire. For that, we take as a base Cave's allegory presented by Plato in the book VII of his work *The republic*, which deals with the exemplification of how human being can freedom themselves of the darkness condition (nescience), into the light of the Sun (Knowledge). In this example given by Socrates, it is utilized for education or for a critique of the lack of the same. From the questioning near where is the educational process in human existence, Paulo Freire in his doing *Autonomy Pedagogy* shows that it find it selves in the own experience in their routine.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba.

² Orientador e professor do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba.

These two thinkers approach in many aspects around educational process, especially in the concern of liberating education.

Key-words: Platonic cave. Plato. Education. Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história muitos foram os que trataram da questão da educação, trazendo grandes contribuições para o desenvolvimento da mesma. O processo de desenvolvimento se dá no mesmo instante com o desenvolvimento do próprio ser humano.

Neste trabalho, *A Alegoria da caverna platônica e a pedagogia freireana: por uma educação libertadora*, considera a educação libertadora como processo árduo que se concretiza em passos lentos, porém que se dá a partir da tomada de consciência do indivíduo diante de sua realidade. Assim, cria-se a possibilidade de uma saída da ignorância para o conhecimento acerca das coisas.

Para isso, de um lado apreciaremos a concepção filosófica e pedagógica de Platão, nos detendo em sua Alegoria da caverna apresentada por este filósofo no livro VII de *A República*. Por meio dessa alegoria os leitores de Platão associam a sua teoria do conhecimento, que compreende uma ascese em direção à contemplação das idéias verdadeiras, próprias dos sábios, com o processo de libertação do prisioneiro. Ou seja, com a saída de seu estado de ignorância e do mundo da opinião para o estado de sabedoria e o mundo inteligível.

É interessante perceber que ainda nessa alegoria, a ascese e o domínio que compreende o processo educacional é dramático. Ela revela o confronto entre os diferentes desejos na luta para a superação das demandas próprias dos sentidos, do corpo, as quais constituem forte obstáculo ao processo de ascensão ao mundo superior da luz e do conhecimento das idéias verdadeiras. É esse esforço e todo sofrimento compreendido por Platão que são constitutivos do processo educativo.

Por outro lado, adentrando na pedagogia freireana percebemos que Paulo Freire (1998) busca uma educação que possibilite a emancipação do indivíduo. Uma educação que leve este indivíduo a refletir sua realidade, e a partir dela, construa seu próprio saber. Uma educação pautada nas diversas exigências do ensinar, levando, pois, ao despertar de uma consciência crítica diante de si mesmo e dos outros que os circundam. Esta requer mudanças, transformações, pois não é uma mera transmissão de conhecimentos.

O homem deve ser protagonista de seu conhecimento. Pois, “[...] a consciência se reflete e vai para o mundo que conhece: é o processo de adaptação. A consciência é temporalizada. O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade” (FREIRE, 1983, p. 39).

Importa considerar que tanto um pensamento quanto o outro, visa apreciar a educação libertadora. Educação esta que possibilita o processo de libertação do homem de sua ignorância para contemplação de seu próprio Conhecimento.

2 A ALEGORIA PLATÔNICA

Quando adentramos no pensamento filosófico de Platão (427 – 347 a.C.) se faz necessário o estudo de sua Alegoria da caverna. Trata-se da exemplificação de como podemos nos libertar da condição de escuridão (ignorância), rumo à luz do Sol (conhecimento). Este exemplo dado por Sócrates é utilizado para educação ou para uma crítica da falta da mesma. Esta diz respeito a uma exemplificação dada por Sócrates a Glauco no livro VII da obra *A República*. Vejamos o que nos apresenta Platão (1996, p.46-51) em sua obra:

Imaginemos uma caverna subterrânea, com uma entrada ampla, aberta à luz em toda sua extensão. Dentro dessa caverna se encontram alguns homens nos quais foram criados desde a infância, aprisionados nela. Os mesmos são impossibilitados de se moverem e apenas conseguem olhar o paredão à sua frente.

Num plano superior, atrás deles, queima um fogo a certa distância. E entre o fogo e os prisioneiros eleva-se um caminho ao longo do qual imagina que tenha sido construído um pequeno muro semelhante aos tabiques que os titeriteiros interpõem entre si e o público a fim de, por cima deles, fazer movimentar as marionetes.

Imagine também homens que passam ao longo desse pequeno muro carregando uma enorme variedade de objetos cuja altura ultrapassa a do muro: estátuas e figuras de animais feitas de pedra, madeira e outros materiais diversos. Entre esse carregadores há, naturalmente, os que conversam entre si e os que caminham silenciosamente.

Supõe também que houvesse na prisão um eco vindo da frente. Esses homens, absolutamente, não pensariam que a verdadeira realidade pudesse ser outra coisa senão as sombras dos objetos fabricados.

Imagina agora se um deles fosse libertado e subitamente forçado a se levantar, virar o pescoço, caminhar e enxergar a luz sentiria dores intensas ao fazer todo esse movimento se, com a vista ofuscada, seria incapaz de enxergar os objetos cujas sombras ele via antes.

E se ele fosse obrigado a fitar a própria luz lhe doeriam os olhos e procuraria desviar o olhar, voltando-se para os objetos que podia observar, considerando-os, então, realmente mais distintos do que aqueles lhe são mostrados. Uma vez diante da luz do dia, seus olhos ficariam ofuscados por ela, de modo a não poder discernir nenhum dos seres considerados agora verdadeiros.

Se esse homem retornasse à caverna e fosse colocado no mesmo lugar de onde saíra; seus olhos ficariam obscurecidos pelas trevas como os de quem fogem bruscamente da luz do sol.

Se lhe fosse necessário reformular seu juízo sobre as sombras e competir com aqueles que lá permaneceram prisioneiros, no momento em que sua visão está obliterada pelas trevas e antes que seus olhos a elas se adaptem, esse homem se prestaria à jocosidade. Dir-lhe-iam que, tendo saído da caverna, a ela retornou cego que não valeria à pena fazer semelhante experiência. “O matariam se pudessem, a quem tentasse libertá-los e conduzi-los para luz”.

Uma vez apresentada a Alegoria da caverna platônica passaremos, pois, para uma reflexão acerca da educação. Como ela é vista dentro desse exemplo utilizado por Platão em sua obra.

3 UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO EM TORNO DA ALEGORIA

Uma vez que o mito da caverna é um exemplo acerca da educação, quando adentrarmos nesta esfera percebemos que este mito não é confundido com a mitologia grega. Este recorre por meio de ações e personagens e, por sua vez, serve como esclarecedor de algo, possibilitando a reflexão do que é essencial. Para Paviani (2008, p.91): “Platão, [...] usa a alegoria da caverna para expor o núcleo de seu pensamento metafísico, epistemológico, ético, político e pedagógico”.

Assim, o mito platônico possui um caráter pedagógico. Percebemos claramente que a proposta platônica é contida numa função didático-pedagógica, pois faz uma integração dos vários saberes para construir seu pensamento filosófico. Segundo Teixeira (1999, p.61), “Em Platão o mito assume um sentido de alegoria, ou como entendemos hoje, um sentido de metáfora.” Com isso, a utilização da narrativa mitológica busca a reflexão detalhada das coisas e dos fatos.

O mito apresentado pelo filósofo visa ilustrar como a maioria das pessoas vivem com visões distorcidas e indefinidas sobre as coisas. Uns são desprovidos de reflexão enquanto outros são indiferentes, aceitando esta realidade da escuridão da caverna sem reflexão crítica.

Ou seja, esses indivíduos observam as sombras e, uma vez contemplando-as naquela realidade, criam em si uma verdade.

Sombras, reflexos, sons e os próprios grilhões aprisionam os homens em sua própria ignorância, impossibilitando-os de refletir acerca das coisas. Afinal, como iriam refletir sobre as coisas se o que eles tinham a sua volta eram apenas tais realidades?

Um ponto importante na narrativa desse mito é quando se cria a possibilidade de um dos prisioneiros da caverna se soltar. Começa agora todo o percurso para se chegar ao Conhecimento. Este é revelado na Contemplação do Bem, a Ciência.

Vemos que antes do homem chegar de fato à contemplação do dia (Sol) e do Bem (Ciência), precisa percorrer um grande caminho: processo de saída da ignorância para a sabedoria. Esta ciência se configura quando o homem está fora da caverna. Temos aqui o que Platão denomina de os diversos graus para a claridade, ou seja, para o conhecimento.

Sócrates argumenta a Glauco sobre a grande importância do método dialético na obtenção. Este método seria o único que possibilitaria encaminhar-se até o princípio para encontrar um fundamento firme do saber. Então, seria por meio desse método que o prisioneiro da caverna chegaria à contemplação do Bem. Mas, lhe é necessário também utilizar-se daquilo que chamara de “Ciências”, esta, por sua vez, são técnicas ou procedimentos específicos que possibilita peregrinação para fora da caverna e seu retorno à caverna.

É necessário renomear esta “ciência”, segundo Sócrates. Assim, nesta busca que permeava a doxa e a episteme, foi denominada como “Conhecimento discursivo”, que corresponde ao conhecimento matemático. Significa em seu termo grego, reflexão, operação da inteligência, construção da inteligência em vista da ciência, e não ciência propriamente dita.

Os graus de conhecimento são pautados pela doxa (opinião) e pela episteme (inteligência). Enquanto a primeira diz respeito ao vir-a-ser; a segunda corresponde à essência. Na primeira temos a “crença” e o “conhecimento discursivo.” Sendo assim, percebemos que este dois pólos são uma analogia utilizada por Platão para apresentar seu pensamento entre o domínio sensível e o domínio inteligível. Assim, dentro da caverna o homem permanecia no domínio sensível, pautado no senso comum e, ao sair da caverna adentraria no domínio inteligível, no qual teria como norteador o próprio conhecimento.

A distância entre a opinião e a ciência, entre o conhecimento sensível e o inteligível, ou entre o conhecimento teórico e a ignorância é demasiadamente enorme. A teoria das ideias justifica o dualismo ontológico entre o sensível e o inteligível (PAVIANI, 2008, p. 58).

Neste dualismo platônico, a filosofia seria como um retorno ao mundo das essências e a educação, uma tábua de salvação, ou seja, passagem do sensível para o inteligível. Em que, para Pieltre (1996, p.41), “[...] assim como o mundo diurno é mais claro e mais real do que o mundo da caverna, o mundo inteligível é mais claro e mais real do que o mundo sensível.” Por isso, esta metáfora dos dois domínios representaria as várias etapas da educação e caberia, pois, ao filósofo (que é representado pela figura do homem que se liberta da caverna), chegar ao grau maior do conhecimento, o olhar face a face para o Bem.

Uma vez que este prisioneiro consegue se libertar das correntes e percorre todo o caminho estreito e difícil para sair da caverna, ele emergiu para a luz do dia onde é ofuscado por ela, podendo ver somente uma representação imperfeita da realidade. Com o passar do tempo, ele vai acostumando seus sentidos com este novo mundo, esta nova realidade em que se encontra e conseguirá ver as coisas de forma mais clara: as paisagens, o céu, a iluminação do sol.

Quando começa a assimilar esta nova realidade, sua alma fica iluminada do Bem, o Conhecimento absoluto. No que se refere à educação, Platão coloca no diálogo de Sócrates e Glauco sobre a natureza e que esta deve ser dada a um filósofo. Vejamos, então, o que Sócrates diz a respeito:

[...] a faculdade de aprender e o órgão destinado a esse uso residem na alma de cada um que, assim como os olhos só podem sair das trevas para a luz acompanhados de todo o corpo, também na faculdade da inteligência só pode apartar-se do mundo do devir por meio de um movimento de toda a alma até que esteja em condição de contemplar o seu e que é o mais brilhante do ser, ou seja, aquilo a que chamamos Bem (PLATÃO, 1996, p.52).

Temos que a idéia platônica do Bem é como um objeto último do conhecimento filosófico. Este Bem seria a causa de tudo o que é ordem e beleza no mundo. A idéia e da sua inteligibilidade para a alma, ou seja, este Bem seria o fim e o início da sabedoria. Sendo assim, “a educação é a arte desse desejo do bem” (PAVIANI, 2008, p.94).

Devemos ter em mente que para alcançar essa meta, se faz necessário, além do desenvolvimento da reflexão; o afastamento aos excessos dos prazeres dos sentidos, por exemplo, o comer e o beber imoderadamente. Estes excessos podem constituir uma má educação para o homem.

Uma vez que o homem libertado da caverna chegou a contemplar o Bem e, como observamos anteriormente, este era o fim e o início da Sabedoria, do próprio conhecimento, ele toma consciência de que a educação deve ser libertadora. O processo educacional desse homem, agora libertado, é pautado no amadurecimento de sua consciência das coisas. Um amadurecimento das coisas inteligíveis.

Este amadurecimento seria como maiêutica socrática. Esta vem do grego *maieúesthai* e significa dar à luz, parir. Este termo utilizado por Platão não só na *República*, tem seu fundamento num processo de reminiscência. Neste sentido, para Paviani (2008, p.72):

A reminiscência e a maiêutica realizam o ato de conhecer não como algo externo, algo que é depositado na alma ou no espírito como se esse fosse um recipiente vazio, mas efetivam um ato que surge ou desperta na alma do ser humano.

Quando nos perguntamos sobre o que seria este diálogo socrático, temos que o mesmo é um método singular de Sócrates de propor questões e depois esboçar respostas, o que fazia com que os indivíduos pensassem por conta própria. Com isso, percebemos que seus diálogos faziam com que seus interlocutores se contorcessem com um profundo desconforto intelectual.

Percebemos então a importância do diálogo no processo educativo na perspectiva de Platão. Aquele que faz uso desse procedimento vê todas as coisas a partir da unidade por excelência, porque vê a essência das coisas.

Entretanto, para chegar ao ideal apresentado por Platão em sua *República*, devemos observar a sua proposta pedagógica para a formação desse filósofo educador. Aritmética, geometria, estereometria, astronomia, harmonia e dialética são as ciências indicadas por Platão para serem ensinadas aos filósofos ou aos governantes. O motivo real é para que estes possam governar as Cidades-Estados.

Assim, serão as funções exercidas pelos cidadãos na vida social e política de forma harmoniosa com as funções da alma que poderemos entender a pedagogia platônica.

Embora ele indique tantas ciências e cada uma delas contribua para a iluminação da alma, a dialética seria o método mais importante para todas as ciências. Vejamos o que o próprio Platão (2006, p 230-231) nos diz sobre este procedimento:

[...] o método da dialética é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lado bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los às artes que analisamos.

Por meio desse método, o filósofo é possibilitado a chegar ao conhecimento do que é, pois não existe outro método senão este que intente alcançar a essência de cada coisa. Ou seja, enquanto a geometria vê a hipótese até chegar a um princípio não hipotético, este seria o Bem. Com isso, só é possível chegar ao Bem por meio da dialética.

Como nos apresenta Soares (2002, p. 215); “[...] a dialética [...] é a única que atinge o Ser, o Bem, o Princípio e se coloca, na classificação das ciências, na posição mais elevada.” No entanto, ela é o intermédio para se chegar ao Bem e não significa que ao Bem e não significa que ao se atingir esta ciência da dialética tem-se imediatamente acesso a ele.

A relação dialética condição de libertação do homem a consciência de uma verdade nova, vivenciada e contemplada pelo homem da caverna. Este homem tido como filósofo educador volta à Caverna para apresentar, testemunhar e orientar sobre esta nova realidade aos que ficaram presos na Caverna.

Assim, como o processo de iluminação da alma situa-se como um processo difícil e árduo, até porque a formação dos filósofos é progressiva, o processo de retorno para o interior da Caverna é semelhante. Porque, além de exigir uma nova readaptação à realidade anteriormente vivida, este corre risco de não ser mais aceito naquele seu antigo habitat.

Mas, para Teixeira,

É dever primário do filósofo libertar o homem do mundo das aparências e das imagens e conduzi-lo à visão do verdadeiro ser. Isso implica superar as concepções ilusórias da realidade, a fim de vislumbrar o verdadeiro mundo real, que é somente o das *Idéias* (TEXEIRA, 1999, p. 6, Grifo do autor).

Cabe ao filósofo possibilitar aos homens que ficam no interior da caverna (mundo sensível e de aparências) a saírem do seu estado da alienação. Isso só será possível por meio da educação. O fato de educar do filósofo consiste em ajudar os homens a ascenderem cada vez mais, ao ponto de fazerem o mesmo percurso que ele fez a fim de contemplar o mundo superior, ou seja, poder também contemplar o Bem.

Se a educação implica etapas, então a racionalidade é uma conquista em passos lentos. A ascensão do homem é visto como a caminhada da alma em direção ao domínio inteligível, isto é por fim uma libertação. Então a educação apareceria mais do que uma superação. Apareceria como um meio de colocar o homem prisioneiro da caverna diante da sua própria verdade.

Ainda neste processo de tentativa de educar os companheiros da caverna, o filósofo educador percebe que não é aceito mais naquele local. Aqueles homens decidem permanecer no interior da caverna e não aceitam a ajuda dele. Decidem permanecerem alienados naquele mundo de sombras, contentando-se com as aparências. Preferem viver nas ilusões ao invés de conhecer a realidade lá fora e não conhecem a si próprios. O não conhecimento de si e de sua realidade enquanto prisioneiros os impedem de se abrirem a esta realidade que possibilita sua libertação.

4 A PEDAGOGIA FREIREANA

Quando refletimos acerca da pedagogia freireana vemos que em sua obra *Educação e mudança*, Paulo Freire (1983) fala que só podemos pensar o que é a educação quando pensar o que é o homem. Ou seja, ele aponta que é preciso fazer um estudo filosófico-antropológico.

Partindo então do questionamento acerca de onde se encontra este processo de educação na existência humana, percebemos que ela se encontra na própria experiência vivenciada pelos homens no seu cotidiano.

Uma vez que o homem é um ser inacabado, consideremos então que a educação também não é algo pronta e acabada, mas um processo que sustenta e possibilita o crescimento do ser humano dotado de razão.

A raiz da educação parte da Consciência de que o ser humano ao descobrir-se como inacabado, estará em constante busca. A este respeito, Freire (1983, p. 28), diz que “A educação, portanto, implicando uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém”.

Então, não educamos ninguém. Mas possibilitamos o aprendizado das coisas àqueles que de certa forma ainda são impossibilitados. Seria despertar os outros seres de sua ignorância para começarem a refletir sua própria realidade.

Uma vez que tomamos consciência da realidade por meio dessa educação, não podemos ficar com ela só para nós. Somos responsáveis também pela educação do outro. Ou seja, “ninguém pode buscar na exclusividade, individualmente”. Esta busca deverá ser feita sempre em comunhão com o os outros, pois não estamos no mundo sozinhos e sim, entrelaçados a vários indivíduos.

Como o homem está em constante busca de si e a educação é a raiz da Consciência do homem enquanto homem, esta por sua vez possui um caráter permanente. Não podemos confundir permanência com absolutismo, até porque existem vários graus de educação. Assim, como o exemplo platônico dado na Alegoria da caverna, no que se trata das ciências necessárias para a formação do filósofo educador, tem várias etapas em nosso processo educacional.

Com isso, a sabedoria parte sempre da ignorância. É sempre um difícil e árduo caminho de saída do interior da caverna para a contemplação do sol. É sempre uma superação constante em busca desse saber.

O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber humano tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação (FREIRE, 1983, p. 29).

O pedagogo condiciona a busca pela educação ligada ao saber. Este por fim é uma meta. Esta ligação entre ignorância e saber é pautada pelo amor e a esperança. Por um lado, a educação não deve ser imposta assim como o amor também não deve ser imposto. Só

podemos educar ou possibilitar essa educação por meio do amor, este que é uma tarefa do sujeito. Independente da realidade encontrada cabe ao professor ter amor pelo ensinar.

Já por outro lado, a educação deve ser conduzida pela esperança. Pois é o que conduz o homem em busca desse conhecimento, busca desse saber. Esperança esta que o professor deve ter para com o seu educando e o seu desenvolvimento na construção do saber.

Paulo Freire nos lembra que enquanto seres humanos nós estamos no mundo e com o mundo. Ou seja, somos seres de relações. Diferentemente dos outros seres vivos, como os animais que são vistos como apenas seres de contatos, eles apenas estão no mundo e não com o mundo. O está com o mundo implica mais que contato, implica relacionamentos.

Algumas características são próprias destas relações que temos com este mundo. Uma primeira característica é a de o homem refletir acerca de sua realidade. Com isso, faz dessa realidade objeto de seu conhecimento e fazendo isso pode transformar o mundo a partir da consciência que tiver de suas realidades.

Tendo visto esta característica que pauta nossas relações enquanto seres humanos, no âmbito da educação, o educador não poderá impedir seus educandos de criar. Neste sentido, a educação deverá ser desinibidora dando oportunidades para que cada educando seja ele mesmo. É possibilitar que eles tenham consciência de sua realidade e a partir desta, desenvolver sua própria educação.

Uma vez que o educando desenvolve sua própria educação, vemos que ela se dá na vida desse indivíduo como um processo de transição. Assim, “[...] não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada” (FREIRE, 1983, p. 33). No âmbito educacional ocorre o mesmo, ou seja, o ponto de partida é o próprio indivíduo, o processo deve ser reflexivo e o ponto de chegada é o sair praticamente de uma educação fechada para uma educação livre.

A pedagogia freireana é pautada em uma educação libertadora, a qual defende que o papel do professor não deve ser o de transferir conhecimentos, mas sim facilitar ao educando a desenvolver esse seu pensamento. Em a *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996, p.52) afirma já em seu título que “Ensinar não é transferir conhecimento”. Ou seja, para este pedagogo “[...] saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Esta construção do conhecimento só é possível se o discurso do professor for pautado pelo exemplo concreto e prático. Cabe ao professor perceber que o conhecimento é inacabado e que os alunos devem buscar novos conhecimentos. Mas, para isso, deve ser formada uma consciência crítica que possibilite ao aluno a saída da teoria para uma prática.

Saber que ensinar não é apenas *transferir conhecimento* é fundamental para o professor, por isso seria o pensar certo apontado por Paulo Freire. Vejamos o que nos mostra este pedagogo,

O clima do pensar certo não tem nada que ver com o das formulas preestabelecidas, mas seria a negação do pensar certo se pretendêssemos forjá-los na atmosfera da licenciosidade ou do espontaneísmo. Sem rigorosidade metódica não há pensar certo (FREIRE, 1996, p. 55).

Isto significa que o professor não pode se deter com espontaneísmo em seu ato de ensinar, mas deve da forma metodológica exercer tal ato. Será a sua metodologia de ensino que possibilitará seu alunado a construir o saber acerca das coisas.

Em relação ao ensinar, Freire aponta algumas exigências para uma educação libertadora. Vejamos: ensinar exige consciência do inacabamento; exige o reconhecimento de ser condicionado; exige respeito à autonomia do ser educando; exige apreensão da realidade; exige a convicção do que a mudança é possível; exige curiosidade.

Na verdade, cabe ao professor a consciência de que estas exigências são setas para um bom ensinar. Primeiro devemos ter consciência de que somos seres humanos inacabados e, sendo assim estamos buscando novos conhecimentos constantemente. “[...] minha presença no mundo não é a de quem ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não se apenas *objeto*, mas sujeito também da história” (FREIRE, 1996, p. 60, grifo do autor).

Neste sentido, vemos que o mundo contemporâneo exige de nós o saber plural, em constantes mudanças e transformações, ou seja, o saber não está acabado. Assim, como o ser humano está em movimento, precisamos aprender a ver o mundo com vários olhares e dirigidos a diferentes direções.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total do educando. Todo ser humano deve ser preparado para elaborar pensamentos autônomos e críticos, para liberdade e responsabilidade sobre seus atos. Devemos respeitar a autonomia de cada um visando o respeito do outro indivíduo, nesse caso, o próprio educando.

Deve-se ter em mente que enquanto educadores, os professores precisam conhecer as várias dimensões que formam a essência de sua docência. Feito isso, poderão desempenhar o ensino de forma mais segura. Em que a apreensão da realidade, denota para Freire (1996, 76), [...] a capacidade de aprender, não apenas para adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a”.

Esta forma de ensinar acarreta em si a convicção de que a mudança é possível, ou seja, a partir dele podemos transformar as realidades existentes em nossa volta. É interessante

percebermos que o mundo não está acabado ou pronto, mas este se encontra em constantes mudanças. O mundo em que vivemos e estamos com ele e nele passa constantemente por mudanças. Assim, “[...] ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (FREIRE, 1996, p. 86).

Notamos, com isso, que não se deve silenciar a curiosidade de ninguém, neste caso, o professor não deverá silenciar a curiosidade do aluno. Mas este por sua vez deve ser inquietado a buscar cada vez mais o conhecimento por meio dessa curiosidade despertada pelo professor. A capacidade de buscar o conhecimento permanece mesmo quando esta curiosidade seja satisfeita. É por isso que o nosso relacionamento enquanto seres humanos com o mundo se dá através da abertura que temos com o mesmo. Afinal, não haveria a existência humana se não existisse esta relação e a transitividade de nossa própria consciência.

Muitas são as exigências encontradas quando adentramos neste campo da educação libertadora. Apresentamos algumas exigências que Paulo Freire descreveu em sua obra *Pedagogia da autonomia*. No mais, vemos que este pedagogo continua mostrando ao longo dessa obra outras exigências que competem o ato de ensinar.

5 ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO EM PLATÃO E FREIRE

Nesta última parte de nosso trabalho buscamos fazer uma associação entre Platão e Paulo Freire no que condiz com a educação, esta tida como libertadora.

Platão compreendia que o que formava o homem era a educação, segundo o critério da ciência racional, para responder às necessidades práticas e também espirituais do homem grego. Em Platão, os objetivos dessa educação eram de orientar sempre para o bem comum da cidade. Com isso, percebemos que já não se dava tanta ênfase aos valores da formação militar, mas às virtudes civis que a vida política demandava, ou seja, isto indica um novo horizonte para a sociedade ateniense, pois se estabelecia um novo referencial educativo.

As contribuições desse filósofo antigo são de grande importância, pois ao constituir os fundamentos da pedagogia grega, lançou as bases das primeiras teorias educacionais, podendo assim repensar a condição humana no que condiz com seus elementos éticos, políticos e filosóficos.

Como vimos anteriormente, na sua Alegoria da Caverna revela o processo no qual o homem percorre rumo a Sabedoria, ou seja, a saída da escuridão (ignorância) para a claridade (conhecimento). Com isso, o filósofo inclinava-se para estabelecer premissas que definissem o percurso pedagógico que eleva a condição do homem da opinião e do senso comum ao

conhecimento fundado em certezas racionais. Assim, a alegoria demonstra um processo de descoberta do conhecimento e de transformação do próprio homem.

Este processo de transformação do homem só é possível por meio da educação. Ela possibilita ao homem um olhar reflexivo acerca da realidade que o circunda. Permite soltar-se dos grilhões da ignorância; Sair de um estado alienante para um estado crítico-reflexivo.

Para o pedagogo pernambucano Paulo Freire este pensamento acerca da educação não fica tão longe. Defensor de uma educação pautada no diálogo entre professor-aluno, ele defende que é preciso respeitar o tempo de aprendizagem e cada um tem o seu momento e hora certa para se encaminhar na vida.

Cabe, portanto, ter consciência de sua realidade, ou seja, tanto professor quanto aluno precisam ter em mente isso, até porque como já vimos anteriormente, não se pode refletir acerca da educação se não perguntarmos quem é o homem.

O professor tem então papel primordial nesse processo educacional, pois o mesmo deve possibilitar ao seu alunado os instrumentos necessários para que este seja construtor do seu saber. Afinal, o professor não é o detentor do saber e não cabe a ele transmitir o que sabe, mas buscar percorrer um caminho que possibilite passar de um estado decisivo de consciência ingênua para uma consciência crítica.

Quando afirmamos que o professor não é o detentor do saber não queremos dizer que ele não tenha este saber. Porém, todos constroem este saber. Assim, o professor possibilita este processo na vida do educando.

Afastando-se da consciência bancária da educação na qual pensava que quanto mais se ensinava, mais se ensinava, mais se sabia, é que Paulo Freire aponta uma educação libertadora. Esta educação norteia o aluno a humanizar-se e não a coisificar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância desses autores nos quais nos detemos em nosso trabalho não se deve exclusivamente à vivacidade de seus pensamentos, mas também a uma filosofia e pedagogia que lançou luzes aos problemas de suas épocas e que contribuíram para a questão da educação até hoje.

Platão, na *República*, buscou oferecer uma sofisticada cultura formativa aos líderes político e que caberia, pois, ao filósofo-rei governar a cidade. O processo educacional apresentado por este filósofo visa uma saída de um estado alienante para um estado crítico-reflexivo.

Paulo Freire não ficou tão longe quando se trata de possibilitar uma reflexão sobre a educação. Sua pedagogia permanece interligada nesse processo educacional que temos até hoje. Assim como em Platão observamos o desenvolvimento do homem no que diz respeito a sua construção do saber, em Paulo Freire também podemos ver isto nitidamente quando o mesmo se afasta da educação bancária.

No mais, o presente trabalho buscou elucidar a questão da educação libertadora no pensamento de Platão e Paulo Freire e, com isso, possibilitar um diálogo maduro acerca desse ideal de educação para estes pensadores. Temos em mente que não acabamos aqui a discussão acerca dessa questão da educação, porém esta deve continuar a cada instante até porque enquanto o ser humano se encontra em processo de desenvolvimento, sua educação também se encontrará assim.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, 150 p.
- _____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 (Coleção Educação e Mudança, vol. 1).
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à práticas educativas**. 6. ed. Rio de Janeiro, 1996 (Coleção Leitura).
- PAVIANI, Jayme. A educação e a alegoria da Caverna. In: _____. **Platão e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 91-97.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Peireira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949, p. 315-359.
- _____. **A República**. Tradução de Elza Moreira Marcelina. Apresentação e comentários de Bernard Piètre. 2. Ed. Brasília: Editora Universidade da Brasília, 1996. p. 22-86.
- SOARES, Antônio Jorge. **Dialética, educação e política: uma releitura de Platão**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- TEIXEIRA, Evilázio. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999 (Coleção Filosofia).